

INFLUÊNCIA DA PRÁTICA EXTENSIONISTA NA RESSIGNIFICAÇÃO DO DISCENTE

Matheus Malveira Vaz¹; Wilson Sabino²; Anderson Gonçalves dos Santos³; Jamilly dos Santos Bezerra⁴; Karen Priscila Barroso Ferreira⁵; Amanda Miranda⁶

^{1,3,4,5}Estudante do Curso de Farmácia - Isco - Ufopa; E-mail: matheus_malveira@hotmail.com; E-mail: andersongon05@gmail.com; E-mail: jamilly737@gmail.com; E-mail: karenferreirapb@gmail.com;

²Docente do Curso de Farmácia - Isco – Ufopa; E-mail: wilsonsabino14@gmail.com;

⁶Estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde Coletiva - Isco - Ufopa; E-mail: amandaslviranda@hotmail.com.

RESUMO: Conceber saúde direcionada a um indivíduo é saber, antes de tudo, como este raciocina com respeito a ela, para entender quais as regras determinantes de seu comportamento neste processo. O objetivo deste trabalho foi relatar a ressignificação no pensar discente ocorrido através de um projeto de extensão no campo da saúde. Para isto, utilizou-se do relato descritivo e reflexivo do discente em trabalho de extensão realizado no segundo semestre de 2015, tendo como cenário de prática extensionista a comunidade ribeirinha da Vila de Boim, inserida na Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns, cujo acesso somente pode ser realizado através de embarcação fluvial. Quando se trabalha a extensão em curso de graduação, a mesma tem a potencialidade de ligar o que está desconectado, ou seja, conectar a teoria ao mundo real como observado na fala deste discente “(...) Boim mudou a minha história e minha vida dentro e fora da universidade, aprendi principalmente que todas as disciplinas nos dão apenas embasamento para o que nos espera fora dela (...)” (Discente 2). É evidente o impacto e as diferentes intensidades produzidas nos envolvidos, gerando especificamente nos discentes, a desconstrução para posterior reconstrução da realidade a partir da nova percepção.

Palavras-chave: aprendizagem; extensão comunitária; educação em saúde; participação comunitária.

INTRODUÇÃO

“Hoje o usuário dos serviços de saúde tem reconhecido seu direito de ser atendido com dignidade – e não de uma forma massificada ou indiferente – e de ter seus sentimentos e individualidade valorizados” (GRÜDTNER et al., 2011).

Conceber saúde direcionada a um indivíduo é saber, antes de tudo, como este raciocina com respeito a ela, para entender quais as regras determinantes de seu comportamento neste processo. O estudo da antropóloga Minayo, nos traz que o conceito de parte da sociedade com respeito à saúde é pluridimensional, ultrapassando em muito a barreira biológica, tendo como dimensões envolvidas neste conceito o natural, o psicossocial, o socioeconômico e o sobrenatural. Esta atitude de entendimento com respeito ao usuário do sistema, nos conduz a percepção do princípio orientador do respeito à autonomia. Sem esse conceito interiorizado junto aos profissionais de saúde e gestores, difícil se faz pensar na possibilidade de um trabalho humanizado no Sistema Único de Saúde (Sus).

Assim sendo, a experiência em campo se caracteriza como proposta de formação, sendo que esta se produz nos encontros com as diferenças, nos movimentos inusitados, na objetividade com a subjetividade. Em um processo de formação crítico se coloca a exigência de fazer opções e escolhas entre paradigmas, reconhecendo os riscos implicados nessa ação, mas a abertura ao desconhecido, ao novo, ao inesperado, leva os sujeitos da experiência a correr riscos, e essa abertura pode significar a possibilidade de criar e recriar sentidos e significados acerca das experiências e dar espaço para incertezas e novos começos (CAPOZZOLO et al., 2013). Dessa forma, este resumo procura relatar a ressignificação no pensar discente ocorrido através de um projeto de extensão no campo da saúde.

MATERIAL E MÉTODOS

Utilizou-se do relato descritivo e reflexivo da participação discente em trabalho de extensão realizado no segundo semestre de 2015. Este ocorreu entre os usuários do SUS no município de Santarém-PA que apresenta uma extensão territorial de 22.887Km², tendo apenas 0,4% desta em perímetro urbano. O cenário para a prática extensionista foi a comunidade ribeirinha da Vila de Boim, um

dos distritos deste município inserida na Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns, distante cerca de 90 km da sede do município, cujo acesso somente pode ser realizado através de embarcação fluvial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O maior desafio no campo da saúde se encontra na desconstrução do ensino cartesiano e flexneriano, enraizado na subjetividade de docentes e discentes acabando por se ver refletido nas atuações profissionais (CECCIN e FEURWERKER, 2004). No caso dos docentes, estes vêm de uma formação destes dois paradigmas, fortalecidos pelas instituições formadoras pelas quais passaram. Já os discentes, vêm de um ensino cartesiano que dificulta a integração das várias áreas voltadas a um objetivo "comum". Desta maneira podemos perceber durante a realização deste projeto na Vila de Boim, que o trabalho de extensão quando realizado de maneira envolvente, pode em muito, favorecer a desconstrução destes pensamentos, e obviamente, a reconstrução de pensamentos mais humanizados.

Este processo pode ser observado na fala desta discente "(...) *Quando eu paro pra pensar em todas as coisas que aconteceram nessa semana de prática, sinto um misto de emoções que vai desde realização, carinho e cuidado, mas nenhum sentimento descreve tão bem tudo que senti como o amor. Sim, amor por cada pessoa atendida, pela minha futura profissão, pelas pessoas que compartilhei cada um desses dias, pelos amigos que viraram irmãos e amor por um mestre que foi como um pai. O amor, só o amor pode transformar o mundo e as pessoas! Foi uma das melhores experiências da minha vida (...)*" (Discente 1).

Possivelmente foi um dos motivos que pesquisadores como Paim (1998) aponta que o pensamento flexneriano reforçou a separação entre individual e coletivo, privado e público, biológico e social, curativo e preventivo, sendo este, conjuntamente ao paradigma cartesiano, o possível motivo da fragmentação no cuidado da saúde. E quando se trabalha a extensão em curso de graduação, a mesma tem o propósito de ligar o que está desconectado como observado na fala deste discente "(...) *Boim mudou a minha história e minha vida dentro e fora da universidade, aprendi principalmente que todas as disciplinas nos dão apenas embasamento para o que nos espera fora dela, que é tudo muito além dos livros e da sala de aula, que é exatamente na experiência e vivenciando o dia a dia com outras pessoas, ouvindo e tratando outras pessoas é que realmente se adquire o conhecimento por inteiro (...)*" (Discente 2).

CONCLUSÕES

Os resultados obtidos neste trabalho permitiram-nos refletir o quanto é importante e inegável o papel da extensão no fortalecimento discente como sujeito social. Foi evidente o impacto, o deslocamento e a ressonância com diferentes intensidades produzidas nos envolvidos, promovendo nos discentes a desconstrução para posterior reconstrução da realidade a partir da nova percepção propiciada pelo trabalho de campo.

AGRADECIMENTOS

Aos comunitários e lideranças da Vila de Boim, Unidade Básica de Saúde da comunidade, e aos técnicos administrativos e professores do Instituto de Saúde Coletiva, que tornaram possível a atividade.

REFERÊNCIAS

- CAMPREGHER, G. O amor no cuidado de enfermagem. **Rev. enferm.**, Rio de Janeiro, v. 18, n 2, p. 317-22, 2010.
- CAPOZZOLO, A. A.; IMBRIZI, J. M.; LIBERMAN, F.; MENDES, R. Formação descentrada na experiência. In: CAPOZZOLO, A. A.; CASSETTO, S. J.; HENZ, A. O.; (Org.). **Clínica comum: itinerários de uma formação em saúde**. São Paulo: Hucitec Editora, p. 124-150, 2013.
- CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. C. M. Mudança na graduação das profissões de saúde sob o eixo da integralidade. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n 5, p. 1400-1410, 2004.

GRÜDTNER, D. I.; CARRARO, T. E.; SOBRINHO, S. H.; CARVALHO, A. L. G.; MINAYO, M. C. S. Interdisciplinaridade: uma questão que atravessa o saber, o poder e o mundo vivido. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 24, n 2, p. 70-77, 1991.

PAIM, J. S.; ALMEIDA FILHO, N. Saúde coletiva: uma “nova saúde pública” ou campo aberto a novos paradigmas?. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 299-316, 1998.